
ÍNDICE

Prefácio

Introdução Geral

Introdução Geral às Cartas Paulinas

Introdução às Cartas aos Tessalonicenses

Capítulo 1 Capítulo 2 Capítulo 3 Capítulo 4 Capítulo 5

**PREFÁCIO A FILIPENSES, COLOSSENSES,
1 E 2 TESSALONICENSES**

Novamente queria agradecer ao Comitê de Publicações da Igreja de Escócia e especialmente a seu secretário e diretor o Rev. Andrew M'Cosh, M.A., S.T.M. e seu coordenador o Rev. W. M. Campbell, B.D., Ph.D., D. Litt, em primeiro lugar por me permitir escrever estes volumes de Estudos Bíblicos Diários, e em segundo termo porque agora farei a reimpressão como nova edição.

Este volume contém notas das Epístolas de Paulo aos Filipenses, Colossenses e Tessalonicenses. Cada uma destas Cartas tem sua própria e especial importância.

A Epístola aos Filipenses foi chamada "a Epístola dos ensinamentos excelentes". Não é uma Carta difícil de entender e para muitos é a Carta mais encantadora e atrativa que Paulo jamais escreveu.

A Epístola aos Colossenses é ao mesmo tempo uma das mais eminentes e entre as mais difíceis que Paulo tratou. Em nenhuma parte alcança Paulo tal altura em seus escritos sobre a pessoa e a obra de Jesus. Aqui está o pensamento paulino a respeito de Jesus em sua grandeza maior.

A Primeira e Segunda Epístolas aos Tessalonicenses são, com a possível exceção da Epístola aos Gálatas, as primeiras Cartas de Paulo. Elas são de especial importância nas quais Paulo ensina a suas primeiras Igrejas, e em particular elas contêm alguns dos mais precisos ensinamentos da

Segunda Vinda. Aquele que estude estas quatro Cartas verá o pensamento de Paulo em vários de seus mais altos alcances e aspectos. Os comentaristas estiveram muito acertados na interpretação de todas estas Cartas.

Ninguém pode escrever sobre as Cartas aos Filipenses e Colossenses sem estar profundamente agradecido a grande tarefa de J. B. Lightfoot, cuja categoria de notável intérprete vê-se ao ter obtido um dos maiores Comentários nunca escritos. Constantemente segui os Comentários de C. J. Ellicott. O Comentário de M. R. Vincent em *The International Critical Commentary* é de fundamental importância a respeito da Epístola aos Filipenses. Tem muito de proveito no texto inglês da Carta o Comentário de H. G. C. Moule na antiga *Cambridge Bible for Schools and Colleges*, por J. H. Michael em el *Moffatt Commentary*, e os dois Comentários devocionais por H. G. C. Herklots e C. E. Simcox.

Na Epístola aos Colossenses o volume de C. F. O. Moule no novo *Cambridge Greek Testament* é inestimável, e o tomo no *Moffatt Commentary* por E. F. Scott mostra seu caráter proveitoso e lúcido.

No texto grego da Primeira e Segunda Tessalonicenses há dois grandes Comentários: o de G. Milligan, na Macmillan Series of Commentaries, e o de J. E. Frame no *International Critical Commentary*. Ambos alcançam categorias entre os maiores de todos os *English New Testament Commentaries*. No texto inglês o volume no *Torch Commentary* e o do *Moffatt Commentary* foram escritos por W. Neil, e são ambos os excelentes, e o volume por Lion Morris no *Tyndale Commentary* é também proveitoso e iluminador.

A tradução neste volume não apresenta nada especialmente meritório; foi originalmente produzida numa ordem tal que o leitor pudesse ter uma tradução e comentário num volume de bolso. Sempre tive a meu lado as traduções de Moffatt e de Weymouth, e a de J. B. Phillips. Deste modo freqüentei o pouco usado livro de *The New*

Testament in Plain English de Charles Kingsley Williams, que sempre achei preciso e notavelmente iluminado.

Assim como nos anteriores volumes, dou à circulação este com a oração de que possa servir ao leitor moderno para captar um Novo Testamento realmente vivo.

William Barclay.

Trinity College,
Glasgow,
março de 1959.

INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Fui solicitado a escrever um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram surgindo, até que o encargo original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

Resulta-me impossível deixar passar outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série e depois continuar até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse organismo editar, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e sua sempre presente simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer que os resultados do estudo erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não

especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos para compreendê-los; e também se deseja fazer que os ensinamentos dos livros do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e ao trabalho do homem contemporâneo. O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: procuram fazer que Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que Ele seja amado mais entranhadamente e que seja seguido mais de perto. Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

INTRODUÇÃO GERAL ÀS CARTAS DE PAULO

As cartas de Paulo

No Novo Testamento não há outra série de documentos mais interessante que as cartas de Paulo. Isto se deve a que de todas as formas literárias, a carta é a mais pessoal. Demétrio, um dos críticos literários gregos mais antigos, escreveu uma vez: "Todos revelamos nossa alma nas cartas. É possível discernir o caráter do escritor em qualquer outro tipo de escrito, mas em nenhum tão claramente como nas epístolas" (Demétrio, *On Style*, 227).

Justamente pelo fato de Paulo nos deixar tantas cartas, sentimos que o conhecemos tão bem. Nelas abriu sua mente e seu coração àqueles que tanto amava; e nelas, até o dia de hoje, podemos ver essa grande inteligência abordando os problemas da Igreja primitiva, e podemos sentir esse grande coração pulsando com o amor pelos homens, mesmo que estivessem desorientados e equivocados.

A dificuldade das cartas

E entretanto, é certo que não há nada tão difícil como compreender uma carta. Demétrio (em *On Style*, 223) cita um dito do Artimón, que

compilou as cartas do Aristóteles. Dizia Artimón que uma carta deveria ser escrita na mesma forma que um diálogo, devido a que considerava que uma carta era um dos lados de um diálogo. Dizendo o de maneira mais moderna, ler uma carta é como escutar a uma só das pessoas que tomam parte em uma conversação telefônica. De modo que quando lemos as cartas de Paulo freqüentemente nos encontramos com uma dificuldade: não possuímos a carta que ele estava respondendo; não conhecemos totalmente as circunstâncias que estava enfrentando; só da carta podemos deduzir a situação que lhe deu origem. Sempre, ao ler estas cartas, nos apresenta um problema dobro: devemos compreender a carta, e está o problema anterior de que não a entenderemos se não captarmos a situação que a motivou. Devemos tratar continuamente de reconstruir a situação que nos esclareça carta.

As cartas antigas

É uma grande lástima que se chamasse *epístolas* às cartas de Paulo. São *cartas* no sentido mais literal da palavra. Uma das maiores chaves na interpretação do Novo Testamento foi o descobrimento e a publicação dos *papiros*. No mundo antigo o *papiro* era utilizado para escrever a maioria dos documentos. Estava composto de tiras da medula de um junco que crescia nas ribeiras do Nilo. Estas tiras ficavam uma sobre a outra para formar uma substância muito parecida com nosso papel de envolver. As areias do deserto do Egito eram ideais para a preservação do papiro, porque apesar de ser muito frágil, podia durar eternamente se não fosse atingido pela umidade. De modo que das montanhas de escombros egípcios os arqueólogos resgataram literalmente centenas de documentos, contratos de casamento, acordos legais, inquéritos governamentais, e, o que é mais interessante, centenas de cartas particulares. Quando as lemos vemos que todas elas respondiam a um modelo determinado; e vemos que as cartas de Paulo reproduzem exata e precisamente tal modelo. Aqui apresentamos uma dessas cartas antigas.

Pertence a um soldado, chamado Apion, que a dirige a seu pai Epímaco. Escrevia de Miseno para dizer a seu pai que chegou a salvo depois de uma viagem tormentosa.

"Apion envia suas saudações mais quentes a seu pai e senhor Epímaco. Rogo acima de tudo que esteja bem e são; e que, tudo parta bem para ti, minha irmã e sua filha, e meu irmão. Agradeço a meu Senhor Serapi [seu Deus] que me tenha salvado a vida quando estava em perigo no mar. Logo que cheguei ao Miseno obtive meu pagamento pela viagem —três moedas de ouro. Vai muito bem. portanto te rogo, querido pai, que me escreva, em primeiro lugar para me fazer saber que tal está, me dar notícias de meus irmãos e em terceiro lugar, me permita te beijar a mão, porque me criaste muito bem, e porque, espero, se Deus quiser, me promova logo. Envio minhas quentes saudações a Capito, a meus irmãos, a Serenila e a meus amigos. Envio a você um quadro de minha pessoa pintado pelo Euctemo. Meu nome militar é Antônio Máximo. Rogo por sua saúde. Sereno, o filho de Agato Daimón, e Turvo, o filho do Galiano, enviam saudações. (G. Milligan, *Seleções de um papiro grego*, 36).

Apion jamais pensou que estaríamos lendo sua carta a seu pai mil e oitocentos anos depois de havê-la escrito. Ela mostra o pouco que muda a natureza humana. O jovem espera que ser logo ascendido. Certamente Serenila era a noiva que tinha deixado em sua cidade. Envia á sua família o que na antiguidade equivalia a uma fotografia. Esta carta se divide em várias seções.

- (1) Há uma saudação.
- (2) Roga-se pela saúde dos destinatários.
- (3) Agradece-se aos deuses.
- (4) Há o conteúdo especial.
- (5) Finalmente, as saudações especiais e os pessoais.

Virtualmente cada uma das cartas de Paulo se divide exatamente nas mesmas seções. as consideremos com respeito às cartas do apóstolo.

(1) *A saudação*: Romanos 1:1; 1 Coríntios 1:1; 2 Coríntios 1:1; Gálatas 1:1; Efésios 1:1; Filipenses 1:1; Comesse guloseimas 1:1-2; 1 Tessalonicenses 1:1; 2 Tessalonicenses 1:1.

(2) *A oração*: em todos os casos Paulo ora pedindo a graça de Deus para com a gente a que escreve: Romanos 1:7; 1 Coríntios 1:3; 2 Coríntios 1:2; Gálatas 1:3; Efésios 1:2; Filipenses 1:3; Colossenses 1:2; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:3.

(3) *O agradecimento*: Romanos 1:8; 1 Coríntios 1:4; 2 Coríntios 1:3; Efésios 1:3; Filipenses 1:3; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:2.

(4) *O conteúdo especial*: o corpo principal da carta constitui o conteúdo especial.

(5) *Saudações especiais e pessoais*: Romanos 16; 1 Coríntios 16:19; 2 Coríntios 13:13; Filipenses 4:21-22; Colossenses 4:12-15; 1 Tessalonicenses 5:26.

É evidente que quando Paulo escrevia suas cartas o fazia segundo a forma em que todos faziam. Deissmann, o grande erudito, disse a respeito destas cartas: "Diferem das mensagens achadas nos papiros do Egito não como cartas, mas somente em que foram escritas por Paulo." Quando as lemos encontramos que não estamos diante de exercícios acadêmicos e tratados teológicos, mas diante de documentos humanos escritos por um amigo a seus amigos.

A situação imediata

Com bem poucas exceções Paulo escreveu suas cartas para enfrentar uma situação imediata. Não são tratados em que Paulo se sentou a escrever na paz e no silêncio de seu estudo. Havia uma situação ameaçadora em Corinto, Galácia, Filipos ou Tessalônica. E escreveu para enfrentá-la. Ao escrever, não pensava em nós absolutamente; só tinha posta sua mente nas pessoas a quem se dirigia. Deissmann escreve: "Paulo não pensava em acrescentar nada às já extensas epístolas dos judeus; e menos em enriquecer a literatura sagrada de sua nação... Não

presentia o importante lugar que suas palavras ocupariam na história universal; nem sequer que existiriam na geração seguinte, e muito menos que algum dia as pessoas as considerariam como Sagradas Escrituras."

Sempre devemos lembrar que não porque algo se refira a uma situação imediata tem que ser de valor transitivo. Todos os grandes cantos de amor foram escritos para uma só pessoa, mas todo mundo adora. Justamente pelo fato de as cartas de Paulo serem escritas para enfrentar uma situação ameaçadora ou uma necessidade clamorosa ainda têm vida. E porque a necessidade e a situação humanas não mudam, Deus nos fala hoje através delas.

A palavra falada

Devemos notar mais uma coisa nestas cartas. Paulo fez o que a maioria das pessoas faziam em seus dias. Normalmente ele não escrevia suas cartas; ditava-as e logo colocava sua assinatura autenticando-as. Hoje sabemos o nome das pessoas que escreveram as cartas. Em Romanos 16:22, Tércio, o secretário, inclui suas saudações antes de finalizar a carta. Em 1 Coríntios 16:21 Paulo diz: "A saudação, escrevo-a eu, Paulo, de próprio punho." Ou seja: *Esta é minha própria assinatura, meu autógrafo, para que possam estar seguros de que a carta provém de mim.* (Ver Colossenses 4:18; 2 Tessalonicenses 3:17.)

Isto explica muitas coisas. Às vezes é muito difícil entender a Paulo, porque suas orações começam e não terminam nunca; sua gramática falha e suas frases se confundem. Não devemos pensar que Paulo se sentou tranqüilo diante de um escritório, e burilou cada uma das frases que escreveu. Devemos imaginá-lo caminhando de um lado para outro numa pequena habitação, pronunciando uma corrente de palavras, enquanto seu secretário se apressava a escrevê-las. Quando Paulo compunha suas cartas, tinha em mente a imagem das pessoas às quais escrevia, e entornava seu coração em palavras que fluíam uma após outra em seu desejo de ajudar. As cartas de Paulo não são produtos

acadêmicos e cuidadosos, escritos no isolamento do estudo de um erudito; são correntes de palavras vitais, que vivem e fluem diretamente de seu coração ao dos amigos aos quais escrevia.

INTRODUÇÃO ÀS CARTAS AOS TESSALONICENSES

Paulo vem a Macedônia

Para tudo aquele que pode ler as entrelinhas, o relato da chegada de Paulo a Macedônia é uma das histórias mais dramáticas do livro de Atos. Lucas o narra em Atos 16:6-10 com uma parcimônia quase extrema. Apesar de sua brevidade, este relato dá necessariamente a impressão de uma cadeia de circunstâncias que culminam num acontecimento supremo. Paulo tinha atravessado Frígia e Galácia. Frente a ele encontrava-se o Helesponto, à sua esquerda estava a fecunda província da Ásia e à sua direita se estendia a enorme província de Bitínia. Mas o Espírito não lhe permitiu entrar em nenhuma delas. Havia algo que o empurrava incessantemente ao mar Egeu. Desta maneira chegou à Troas alexandrina ainda indeciso quanto a onde se encaminharia. Então teve a visão noturna de um homem que exclamava: "Passa a Macedônia e ajuda-nos." Paulo zarpou e pela primeira vez o Evangelho chegou à Europa.

Um Mundo

Mas nesse mesmo momento Paulo deve ter visto muito mais que um continente para Cristo. Desembarcou na Macedônia, o reino de Alexandre Magno, que tinha conquistado o mundo e que tinha chorado porque não havia mais mundos que conquistar. Mas Alexandre era muito mais que um mero conquistador militar. Foi quase o primeiro universalista. Era mais um missionário que um soldado; sonhava com um mundo dominado e iluminado pela cultura grega. Até um pensador

tão grande como Aristóteles havia dito que era um dever evidente tratar os gregos como homens livres e os orientais como escravos. Mas Alexandre declarava ter sido enviado por Deus "para unir, pacificar e reconciliar a todo o mundo" Deliberadamente queria dizer que seu propósito era "unir o Oriente com o Ocidente". Sonhava com um império em que não haveria nem grego nem judeu, nem bárbaro, nem cita, nem escravo, nem livre (Colossenses 3:11). Agora, é difícil ver como poderia estar ausente Alexandre do pensamento de Paulo. Paulo partiu desde Troas alexandrina, que levava o nome de Alexandre; passou a Macedônia que constituía o reino original de Alexandre; trabalhou em Filipos, que levava o nome de Filipe, o pai de Alexandre; foi a Tessalônica, que tinha o nome de uma meio-irmã de Alexandre. Todo o território estava saturado da lembrança de Alexandre; Paulo deve ter pensado não num continente, mas em um mundo para Cristo.

Paulo chega a Tessalônica

A sensação de que os braços do cristianismo se estendiam deve ter-se acentuado quando Paulo chegou a Tessalônica. Tratava-se de uma cidade importante. Seu nome original era Thermai que significa "fontes quentes", dando nome ao golfo onde se encontrava. Seiscentos anos antes Heródoto a descrevia como uma grande cidade. Tinha sido sempre um porto famoso. Aqui Xerxes o persa estabeleceu sua base naval ao invadir a Europa, e até na época dos romanos era um dos arsenais maiores do mundo. Em 315 antes de Cristo Cassandro reedificou a cidade e lhe pôs o novo nome de Tessalônica, nome de sua mulher, filha de Filipe da Macedônia e meio-irmã de Alexandre Magno. Era uma cidade livre. Isto significa que jamais tinha sofrido a afronta de aquartelar entre seus muros tropas romanas. Tinha sua própria assembléia popular e seus próprios magistrados. Sua população se elevava a 200.000 habitantes, e durante um tempo rivalizou com Constantinopla como candidata a capital do mundo. Até hoje, com o

nome de Salônica, tem 70.000 habitantes. Mas a importância suprema de Tessalônica está em que se encontra sobre a *Via Egnatia* que se estendia desde o Dirraquio sobre o Adriático até Constantinopla sobre o Bósforo e daqui para a Ásia Menor e o Oriente. De fato sua rua principal era parte da mesma rota que unia Roma com o Oriente. O Oriente e o Ocidente convergiam em Tessalônica; dizia-se que estava "na saia" do império romano. O comércio se introduzia aqui do Oriente e o Ocidente; por isso, dizia-se: "Enquanto a natureza não mudar, Tessalônica permanecerá rica e próspera." É impossível exagerar a importância da chegada do cristianismo a Tessalônica. Se o cristianismo se estabelecia em Tessalônica estava também destinado a estender-se ao oriente pela *Via Egnatia* até conquistar todo o Ásia, e pelo Ocidente até convulsionar à mesma cidade de Roma. O advento do cristianismo a Tessalônica foi um passo crucial na transformação do cristianismo em religião mundial.

A permanência de Paulo em Tessalônica

O relato da permanência de Paulo em Tessalônica encontra-se em Atos 17:1-10. Agora, para Paulo o que aconteceu em Tessalônica foi de importância suprema. Pregou na sinagoga durante três sábados consecutivos (Atos 17:2). Isso significa que sua estadia não pôde ter sido de muito mais que três semanas. Teve um êxito tremendo a ponto de os judeus irem às nuvens e provocarem tais distúrbios que Paulo teve que ser tirado às escondidas e com perigo de sua vida rumo a Beréia; aqui aconteceu o mesmo (Atos 17:10-12), e Paulo teve que deixar a Timóteo e Silas para seguir fugindo para Atenas. Por conseguinte, Paulo esteve somente três semanas em Tessalônica. Era possível causar em três semanas tanta impressão num lugar, que o cristianismo chegasse a implantar-se em forma tal que não pudesse ser jamais desarraigado? Se for assim, não era um sonho vazio pensar que o império romano podia ser ganho para Cristo. Ou era necessário instalar-se e trabalhar durante meses e até anos antes de causar alguma impressão? Neste caso ninguém

poderia prever no mais mínimo quando chegaria o cristianismo a penetrar em todo mundo. Tessalônica constituía um caso de prova, e Paulo estava esmagado pela ansiedade de saber o que aconteceria.

Notícias de Tessalônica

Tão ansioso estava Paulo que quando se encontrou com Timóteo em Atenas, enviou-o de volta a Tessalônica para solicitar as informações sem as quais não tinha descanso (1 Tessalonicenses 3:1-2; 5; 2:17). Que notícias trouxe Timóteo? Havia notícias boas. O afeto dos Tessalonicenses por Paulo era mais forte que nunca; e se mantinham firmes na fé (1 Tessalonicenses 2:14; 3:4-6; 4:9-10). Eles eram efetivamente "sua glória e sua alegria" (1 Tessalonicenses 2:20). Mas também havia notícias que causavam inquietação.

(1) A pregação da Segunda Vinda tinha produzido uma situação anormal; o povo tinha deixado de trabalhar e abandonado todas as empresas ordinárias da vida para esperar a Segunda Vinda numa espécie de histeria expectante. Paulo lhes diz que se mantenham tranquilos e que continuem suas tarefas ordinárias (1 Tessalonicenses 4:11).

(2) Estavam preocupados com o que aconteceria aos que tinham morrido antes da Segunda Vinda. Paulo lhes explica que os que dormiram em Jesus não perderão nada da glória (1 Tes. 4:13-18).

(3) Existia uma tendência a desprezar toda autoridade legal; a inclinação grega à discussão fazia com que a democracia estivesse sempre em perigo de degenerar (1 Tessalonicenses 5:12-14). (4) Continuamente existia o perigo de recair na imoralidade. Era difícil esquecer o ponto de vista de gerações e escapar ao contágio do mundo pagão (1 Tessalonicenses 4:3-8).

(5) Havia ao menos algum grupo que difamava a Paulo. Sugeriam que Paulo pregava o evangelho pelo lucro que podia receber (1 Tessalonicenses 2:5, 9); e que era algo assim como um ditador (1 Tessalonicenses 2:6-7, 11).

(6) Na Igreja havia divisões (1 Tessalonicenses 4:9; 5:13). Estes eram os problemas que Paulo devia tratar, e que mostram que a natureza humana não mudou muito nas igrejas.

Por que duas Cartas?

Devemos nos perguntar por que há duas Cartas. Ambas são muito semelhantes, e deveriam ser escritas no transcurso de semanas ou dias. A segunda foi escrita com o propósito principal de esclarecer uma errônea interpretação da Segunda Vinda. A primeira insiste em que o dia do Senhor virá como ladrão na noite e insiste na vigilância (1 Tessalonicenses 5:2; 5:6). Mas esta razão chegou a produzir uma situação doentia visto que os homens não faziam outra coisa senão vigiar e esperar. Na segunda Carta Paulo explica que sinais precederiam à Segunda Vinda (2 Tess. 2:3-12). As idéias dos Tessalonicenses sobre a Segunda Vinda tinham perdido seu equilíbrio e proporção. Como acontece freqüentemente ao pregador, a mensagem de Paulo tinha sido mal entendida e mal interpretada; algumas frases tinham sido tomadas fora de contexto ou superestimadas. A segunda Carta tenta colocar as coisas em seu justo equilíbrio e corrigir os pensamentos dos excitados Tessalonicenses com respeito à Segunda Vinda. Certamente, Paulo aproveita a ocasião para repetir e sublinhar muitos dos bons conselhos e admoestações que deu na primeira Carta, mas sua intenção principal é acalmar a histeria e fazer com que esperem não numa ociosa excitação, mas em uma paciente e diligente atenção ao trabalho do dia. Nestas duas Cartas vemos como Paulo resolve dia a dia os problemas de uma Igreja que cresce e se expande.

1 Tessalonicenses 1

[Uma cálida introdução - 1:1-10](#)

UMA CÁLIDA INTRODUÇÃO**1 Tessalonicenses 1:1-10**

Paulo envia esta Carta à Igreja dos Tessalonicenses *em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo*. Deus era a verdadeira atmosfera em que a Igreja vivia, movia-se e existia. Assim como o ar está em nós e nós no ar, e não podemos viver sem ele, assim também a Igreja verdadeira está em Deus e Deus na Igreja verdadeira; para a Igreja não há verdadeira vida sem Deus. Além disso o Deus em quem a Igreja vive é o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo; portanto a Igreja não deve tremer com um temor servil perante um Deus tirano, mas sim alegrar-se na cálida luz de um Deus que é amor.

Neste capítulo introdutório vemos Paulo em sua maior benevolência. Logo terá que começar a admoestar e refutar mas de repente começa com um elogio absoluto. Mesmo quando reprovava, Paulo nunca tinha a intenção de desanimar, mas sempre de animar. Em todo homem há algo bom e freqüentemente o melhor caminho para livrá-lo das coisas más é elogiar as coisas superiores. A melhor maneira de desarraigar as faltas é elogiar as virtudes a fim de que floresçam mais; porque todo homem reage melhor à exortação que à recriminação.

Conta-se que uma vez o cozinheiro do duque do Wellington informou seu retiro e se afastou. Ao ser perguntado por que tinha deixado uma posição tão honorável e bem paga respondeu: "Quando a comida é boa o duque jamais me elogia; quando é má jamais me reprova; realmente não valia a tristeza." Faltava estímulo para que a vida valesse a tristeza.

Paulo, como bom psicólogo e com verdadeiro tato cristão, começa com louvores justamente quando tem a intenção de passar a repreender.

No versículo 3 Paulo escolhe três ingredientes importantes da vida cristã.

(1) *A obra inspirada pela fé*. Não há nada que nos fale mais de um homem que sua maneira de operar. Pode operar por temor ao látego; pela

esperança de lucros; por um turvo sentido do dever; ou inspirado pela fé. Tem fé em que a tarefa que realiza lhe foi encomendada por Deus e que está trabalhando, em última análise, não para os homens, senão para Deus. Alguém disse que o sinal da verdadeira consagração é que a gente possa achar glória no trabalho penoso.

(2) *O trabalho que é impulsionado pelo amor.* Bernard Newman narra como uma vez estando na casa de um camponês em Bulgária advertiu que a filha deste estava todo o tempo ensimesmada costurando um vestido. Disse-lhe: "Não se cansa nunca dessa costura interminável?" "Oh, não!", respondeu ela, "você saiba que este é meu vestido de bodas." O trabalho feito por amor sempre tem alegria.

(3) *A perseverança na esperança.* Quando Alexandre o Grande traçava suas campanhas dividiu todas suas posses entre seus amigos. Alguém lhe disse: "Mas, não guarda nada para você!" "Oh sim!, também o faço", repôs, "reservo-me minhas esperanças." Um homem pode agüentar enquanto mantém esperança, porque então não caminha rumo à noite, mas sim rumo à alvorada.

No versículo 4 Paulo fala dos Tessalonicenses como *irmãos amados de Deus*. A frase *amados de Deus* era aplicada pelos judeus só aos homens grandes em grau supremo, como Moisés e Salomão, e à própria nação de Israel. Agora, os privilégios maiores dos homens mais importantes do povo escolhido por Deus, foram estendidos aos mais humildes dos gentios

O versículo 8 fala de que a fé dos Tessalonicenses repercutiu (B.J., se divulgou). A palavra poderia significar também que estala como o *rodar do trovão*. Há algo tremendo na atitude desafiante do cristianismo primitivo. Quando toda a prudência e todo o sentido comum teriam ditado um estilo de vida que passasse inadvertido para evitar o perigo e a perseguição, os cristãos desafiavam o perigo proclamando a fé. Jamais se envergonhavam de mostrar quem eram e a quem buscavam servir.

Nos versículos 9 e 10 se usam duas palavras que são típicas da vida cristã. Os Tessalonicenses *serviam* a Deus e *esperavam* a vinda de

Cristo. O cristão é chamado a servir no mundo e a esperar a glória. O serviço leal, a espera paciente e a expectativa invencível são um necessário prelúdio à glória dos céus.

1 Tessalonicenses 2

A defesa de Paulo - 2:1-12

Os pecados dos judeus - 2:13-16

Nossa glória e nossa alegria - 2:17-20

A DEFESA DE PAULO

1 Tessalonicenses 2:1-12

Sob a superfície desta passagem circulam as calúnias contra Paulo com que o atacavam seus inimigos de Tessalônica.

(1) O versículo 2 refere-se à prisão e aos ultrajes que Paulo tinha suportado em Filipos (Atos 16:16-40). Sem dúvida havia em Tessalônica os que diziam que Paulo tinha um prontuário policial e que não era mais que um delinqüente que estava fugindo da justiça, e que obviamente não se podia dar ouvidos um homem dessa índole. A mente realmente maligna do que difama mistura todas as coisas.

(2) Atrás do versículo 3 há não menos de três acusações.

(a) Dizia-se que a doutrina de Paulo não tinha outra origem que um mero engano. Um homem verdadeiramente original não podia deixar de correr o risco de ser chamado louco. Em dias posteriores Festo pensou que Paulo estava louco (Atos 26:24). Houve um tempo em que os amigos e irmãos de Jesus saíram e tentaram levá-lo para casa porque pensavam que estava louco (Marcos 3:21). As normas cristãs podem ser tão diferentes das do mundo, que aquele que as segue sem vacilação e com um entusiasmo ardente pode parecer aos outros demente ou insano.

(b) Dizia-se que a pregação de Paulo obedecia a motivos impuros. A palavra usada para *impureza* (*akatharsia*) freqüentemente tem que ver com impureza ou depravação sexual. Existia um costume cristão que os

pagãos freqüentemente interpretavam deliberadamente mal; tratava-se do beijo de paz (1 Tessalonicenses 5:26). Quando os cristãos falavam da festa do amor e do beijo de paz não era difícil que uma mente depravada lesse nestas frases o que não continham. É triste que tão freqüentemente na vida a mente suja veja sujeira por toda parte.

(c) Acusava-se a Paulo de que sua pregação estava dolosamente encaminhada a enganar a outros (nem tanto que ele estivesse enganado, mas que enganava). Os propagandistas da Alemanha do Hitler descobriram que se uma mentira era repetida com a suficiente freqüência e energia, no final chegava a ser aceita como a verdade. Essa era a acusação que se fazia a Paulo.

(3) O versículo 4 indica que Paulo era acusado de buscar agradar aos homens em vez de agradar a Deus. Sem dúvida, esta acusação surgiu do fato de que Paulo pregava a glória da liberdade do evangelho e a liberdade da graça, contra a servidão da Lei e a sinistra escravidão do legalismo. Sempre há gente que pensa que não são religiosos a menos que sejam desventurados. Todo aquele que prega um evangelho de alegria achará caluniadores; isto foi exatamente o que ocorreu com Jesus.

(4) O versículo 5 e o 9 indicam ambos que havia aqueles que dizia que Paulo estava na tarefa de pregar o evangelho por motivos de lucro. A palavra que se usa para *lisonja* (*kolakeia*) descreve sempre a adulação que pretende obter algo; a lisonja por motivos de lucro. É triste que na Igreja primitiva acontecessem estas coisas. Havia gente que tentava ganhar dinheiro com seu cristianismo.

O primeiro livro cristão de ordem é a *Didaquê: A Doutrina dos Doze Apóstolos*. Ali se encontram algumas instruções esclarecedoras:

"Que todo apóstolo que chegue a vós seja recebido como o Senhor. ficará um dia e se for necessário também o seguinte, mas se ficar três é um falso profeta. E quando um apóstolo continue sua viagem que não leve nada a não ser pão, até que chegue a seu alojamento. Mas se pedir dinheiro é um falso profeta."

"Nenhum profeta que ordene no Espírito uma mesa comerá dela, de outra maneira é um falso profeta."

"Se aquele que chega está de passagem, socorram na medida em que possam. Mas não habitará convosco mais de dois ou três dias a não ser em caso de necessidade. Mas se tiver a intenção de ficar entre vós e dedicar-se a um ofício deixem trabalhar e comer. Mas se não tiver ocupação, segundo seu entender, procurem que não viva ocioso entre vós, sendo cristão. Mas se não quiser trabalhar é um traficante de Cristo: precavei-vos contra tais homens" (*Didaquê*, capítulos 11 e 12).

A *Didaquê* data mais ou menos do ano 100 de nossa era. Já a Igreja primitiva conheceu o eterno problema dos que traficam com a caridade.

(5) O versículo 6 indica que se acusava a Paulo de buscar prestígio pessoal. É o perigo constante do pregador e do mestre querer luzir-se em vez de comunicar a mensagem. Em 1 Tessalonicenses 1:5 há algo sugestivo. Paulo não diz: "Eu cheguei a vós", mas sim, "*Nosso evangelho* chegou a vós." O homem estava perdido em sua mensagem.

(6) O versículo 7 indica que Paulo era acusado de ser algo assim como um ditador. A bondade de Paulo era a de um pai prudente. Seu amor era enérgico. Para ele o amor cristão não era algo fácil e sentimental. Sabia que os homens necessitavam disciplina não para seu castigo, senão para a bem de suas almas.

OS PECADOS DOS JUDEUS

1 Tessalonicenses 2:13-16

A fé cristã conduziu aos Tessalonicenses não paz mas sim tribulação. Sua nova lealdade os envolveu na perseguição. O método de Paulo para animá-los é muito interessante. Diz-lhes com efeito:

"Irmãos, estamos pisando onde pisaram os santos."

A perseguição que suportaram era um emblema de honra que lhes conferia títulos para figurar nos regimentos escolhidos do exército de Cristo.

Mas o grande interesse desta passagem está nos versículos 15 e 16 onde Paulo traça uma espécie de catálogo de enganos e pecados judeus.

(1) Os judeus mataram o Senhor Jesus e os profetas. Quando os mensageiros de Deus vinham os eliminavam. Uma das coisas mais lúgubres no relato do evangelho é o empecimento tenaz com que os chefes judeus trataram de desembaraçar-se de Jesus antes que pudesse causar maior dano. Mas ninguém jamais tornou que uma mensagem inoperante matando o mensageiro que o transmitia.

Conta-se de um missionário que foi a uma tribo primitiva. Para apresentar sua mensagem teve que valer-se de métodos rudes e primitivos; fez-se pintar um quadro que mostrava a elevação aos céus do homem que aceitava a Cristo e a descida aos infernos de quem o rechaçava. Toda a mensagem causou inquietação na tribo. Não queriam que fosse verdade. O que fizeram então? *Queimaram o quadro* e com isto pensaram que tudo estava solucionado. A pessoa pode negar-se a escutar a mensagem de Jesus Cristo, mas não pode eliminar essa mensagem da estrutura do universo e de sua própria vida.

(2) Perseguiam os cristãos. Ainda que se negassem a aceitar a mensagem de Cristo para si mesmos, ao menos poderiam permitir que os outros a ouvissem e aceitassem. Lembremos sempre que o caminho que vai ao céu não é um só; abstenhamo-nos da intolerância.

(3) Não buscavam agradar a Deus. O triste da Igreja é que com freqüência se aferra a uma religião feita pelos homens em vez da uma fé dada por Deus. A pergunta que os homens se fazem com freqüência é: "O que penso?", e não, "O que é o que Deus diz?" O que interessa não é nossa débil lógica; é a revelação de Deus.

(4) Levantavam-se contra todos os homens. No mundo antigo os judeus eram efetivamente acusados de "odiar a raça humana". Tinham o pecado da arrogância. Consideravam-se a si mesmos como o povo

escolhido, como efetivamente o eram. Mas esta eleição era considerada como um *privilégio*; jamais sonhavam que tinham sido escolhidos para o *serviço*. Tinham a intenção de que algum dia o mundo os serviria a eles; não que eles deveriam servir sempre ao mundo. O homem que pensa só em seus próprios direitos e em seus próprios privilégios estará sempre contra outros. E, o que é pior sério, estará contra Deus.

(5) Queriam guardar o oferecimento do amor de Deus exclusivamente para eles. Não queriam que os gentios participassem da graça de Deus. Há algo essencial e fundamentalmente errôneo em toda religião que separa o homem de seus semelhantes. Se um homem amar realmente a Deus este amor deve transbordar aos seus semelhantes. Longe de lhe fazer acariciar seus próprios privilégios o encherá de uma paixão sã: a paixão por compartilhá-los.

NOSSA GLÓRIA E NOSSA ALEGRIA

1 Tessalonicenses 2:17-20

Em primeiro lugar os Tessalonicenses foram chamados um "exemplo clássico de amizade". E aqui há uma passagem em que o profundo afeto de Paulo por seus amigos palpita em suas mesmas palavras. Através dos séculos podem ainda hoje sentir o batimento do coração de amor destas frases.

Nesta passagem Paulo usa duas imagens interessantes.

(1) Fala de Satanás que *o estorvou* quando quis ir a Tessalônica. A palavra que usa (*egkoptein*) é a palavra técnica que expressa o bloqueio de um lance de estrada para frear a marcha de uma expedição. A obra de Satanás é arrojar obstáculos no caminho do cristão, e nossa tarefa é superá-los, porque os obstáculos na estrada fizeram-se para superá-los.

(2) Diz que os Tessalonicenses são seu *coroa*. A palavra não carece de interesse. Em grego existem dois termos que significam *coroa*. Um é *diadema*, que se usa quase exclusivamente para a coroa real. O outro é

stefanos, usado quase exclusivamente para a coroa do vencedor em alguma lide, e particularmente para a coroa do atleta que sai vitorioso nos jogos. Aqui Paulo usa *stefanos*. O único prêmio da vida que realmente valorizava era ver que seus convertidos viviam bem.

W. M. Macgregor costumava citar o dito de João quando pensava em seus estudantes: "Não tenho maior alegria que esta, de ouvir que meus filhos andam na verdade" (3 João 4). Paulo teria dito o mesmo. A glória de todo mestre está em seus alunos e estudantes; e se chegar um dia em que o tenham deixado muito atrás, a glória será ainda maior. A maior glória de um homem está naqueles aos quais colocou ou ajudou no caminho a Cristo.

Nada do que nós fazemos pode nos dar crédito aos olhos de Deus; mas as estrelas na coroa de um homem serão, em última instância, aqueles que ele levou mais perto de Jesus Cristo.

1 Tessalonicenses 3

O pastor e seu rebanho - 3:1-10

Tudo é de Deus - 3:11-13

O PASTOR E SEU REBANHO

1 Tessalonicenses 3:1-10

Nesta passagem alenta a própria essência do espírito pastoral.

(1) Há *afeto*. Sempre será verdade que nunca poderemos comover ou ganhar as pessoas se, para começar, simplesmente não nos agradam

Carlyle disse de Londres: "Há três milhões e meio de habitantes nesta cidade; a maior parte são uns néscios."

O homem que começa desprezando a outros, olhando-os de cima ou menosprezando-os, jamais poderá salvá-los.

(2) Há *ansiedade*. Quando a pessoa pôs o melhor de si mesmo em algo, quando lançou algo — de um transatlântico a um folheto — está ansioso por saber como a obra de sua mão e de seu cérebro oculta o

temporal. Se isto é a verdade das coisas, é muito mais a verdade das pessoas. Quando um pai educou a seu filho no amor e no sacrifício, está ansioso quando este filho é lançado às dificuldades e perigos da vida no mundo. Quando um mestre educou um menino e pôs nele algo de si mesmo, tem ânsias de ver como essa preparação suporta as provas da vida. Quando um ministro recebe a um jovem na Igreja, depois de alguns anos de formação na escola dominical, nas classes de Bíblia e nas classes de confirmação, está ansioso por saber como esse jovem enfrenta e cumpre os deveres e obrigações de membro da Igreja. Isto se aplica em grau supremo a Jesus Cristo. Ele arriscou tanto pelos ombreiros e os amou com um amor tão *sacrificial* que vigia ansiosamente para ver que uso fazem os homens desse amor. A pessoa deve manter-se com temor e humildade ao lembrar como na Terra e nos céus há aqueles que o levam em seus corações e contemplam como se comporta.

(3) Há *ajuda*. Quando Paulo enviou Timóteo a Tessalônica não era tanto para inspecionar a Igreja para lhe prestar ajuda. A grande aspiração de todo pai, professor e pregador deveria ser nem tanto a de criticar e condenar por suas faltas e enganos os que estão a seu cargo como a de libertá-los dessas faltas e enganos e, se incorreram nos mesmos, redimi-los deles. A atitude cristã rumo ao pecador ou aquele que luta jamais deve ser de condenação, mas sim sempre de ajuda.

(4) Há *alegria*. Paulo se alegrava de que seus conversos se mantivessem firmes. Tinha a alegria de quem criou algo que teria que superar as provas e tentações do tempo. Não há alegria semelhante ao do pai que pode mostrar um homem que faz o bem.

(5) Há *oração*. Paulo nevava a seu povo em seu coração perante o trono da misericórdia de Deus. Nunca saberemos de quantos pecados fomos salvos e quantas tentações superamos porque alguém orou por nós.

Conta-se que uma doméstica se tornou membro de uma Igreja. Foi-lhe perguntado que obra cristã realizava. Ela repôs não ter tido a oportunidade de fazer muito porque tinha muitas ocupações, "mas" —

disse — "quando me deito levo para a cama o jornal da manhã e leio as notícias dos nascimentos para orar por todos as crianças; quando leio as notícias de casamentos, oro para que os novos casais sejam felizes; quando leio as notícias fúnebres, oro para que os que estão de luto sejam consolados."

Ninguém jamais poderá dizer quantas ondas de graça fluíram dessa fonte. Quando não podemos servir a outros de outra maneira, quando como Paulo nos encontramos involuntariamente separados deles, há entretanto uma coisa que podemos fazer: orar por eles

TUDO É DE DEUS

1 Tessalonicenses 3:11-13

Numa passagem simples como esta é onde pode observar-se melhor o curso instintivo da mente de Paulo. Para Paulo todo era de Deus.

(1) Ora por que Deus lhe abra um caminho para chegar a Tessalônica. Paulo dirige-se a Deus para ser guiado por Ele nos problemas ordinários da vida diária. Se tiver em vista uma viagem, dirige-se a Deus para que lhe abra o caminho. Um dos grandes e graves enganos da vida é acudir a Deus só nos grandes momentos, nas emergências desesperadores e nas crises entristecedoras.

Não faz muito estive falando com três jovens que justamente tinham concluído um cruzeiro em iate. Um deles me disse: "Você sabe, enquanto a gente está em casa jamais presta atenção aos prognósticos do tempo, mas quando estávamos neste iate fomos todo ouvidos." Era possível passar-se sem os prognósticos do tempo quando a vida estava confortavelmente segura; mas era fundamental escutá-los quando a vida poderia depender deles.

Somos propensos a agir da mesma maneira com respeito a Deus. Nos assuntos da vida ordinária, nós o passamos por alto pensando que podemos resolver tudo suficientemente bem por nossos meios; nas situações de emergência nos agarramos a Ele, sabendo que não podemos

ir adiante sozinhos. Não ocorria o mesmo com Paulo. Até nas coisas rotineiras da vida, como uma viagem de Atenas a Tessalônica, Paulo olha a Deus para que o guie e oriente. Nos valemos de Deus para que nos resgate; Paulo buscava a companhia de Deus para obter uma vida dirigida por Deus.

(2) Ora para que Deus capacite os tessalonicenses a cumprir a lei do amor em suas vidas diárias. Frequentemente nos perguntamos por que é tão difícil viver a vida cristã particularmente nas relações ordinárias de cada dia. A resposta é que talvez estejamos tentando vivê-la por nós mesmos. O homem que sai pela manhã sem oração, em realidade diz: "Hoje posso resolver tudo isso muito bem por mim mesmo." O homem que se entrega ao descanso sem falar a Deus, em realidade diz: "Posso suportar por mim mesmo qualquer consequência que tenha trazido o dia de hoje."

Certa vez John Buchan descreveu um ateu como "um homem que não tem meios invisíveis de apoio". E bem poderá ser que nosso fracasso em viver a vida cristã se deva ao fato de que tentemos vivê-la sem a ajuda de Deus. E este é um encargo impossível.

(3) Paulo ora a Deus pela segurança definitiva. Nesta época sua mente estava cheia de pensamentos sobre a Segunda Vinda de Cristo, sobre o dia em que os homens teriam que apresentar-se perante o juízo de Deus. Orava para que Deus conservasse a seu povo na retidão e na justiça a fim de que não se envergonhassem naquele dia. Ninguém pode encontrar-se com Deus sem Deus; a única maneira de nos preparar para nos encontrar com Deus é viver diariamente com Deus. O choque daquele dia não será para aqueles que viveram que tal maneira que se tornaram amigos de Deus, senão para aqueles que se encontrarão perante Deus como perante um terrível estranho.

1 Tessalonicenses 4

[O chamado à pureza - 4:1-8](#)

[Necessidade do trabalho diário - 4:9-12](#)

O CHAMADO À PUREZA

1 Tessalonicenses 4:1-8

Parece estranho que Paulo tivesse que estender-se tanto para inculcar a pureza sexual numa congregação cristã; mas se devem lembrar duas coisas.

Em primeiro lugar, fazia muito pouco tempo que os tessalonicenses tinham abraçado a fé cristã; provinham de uma sociedade em que a castidade era uma virtude desconhecida e ainda se encontravam em meio de tal sociedade que diariamente exercia seu influxo pernicioso sobre eles. Deveria ter-lhes resultado em extremo difícil esquecer-se do que tinha sido natural durante toda sua vida.

Em segundo lugar, devemos lembrar que nunca houve uma época na história em que os votos matrimoniais fossem tão menosprezados e o divórcio tão desastrosamente fácil.

Entre os judeus o matrimônio teoricamente era tido na mais alta estima. Dizia-se que um judeu devia morrer antes que cometer homicídio, idolatria ou adultério. Mas o divórcio era tragicamente fácil. A Lei de Deuteronômio estabelecia que um homem podia divorciar-se de sua mulher se achava "alguma impureza" ou "algum motivo de vergonha nela". A dificuldade estava em definir o que era motivo de vergonha. Os rabinos estritos reduziam unicamente ao adultério. Mas o ensino mais lasso estabelecia que a condição se cumpria se a mulher tinha preparado a refeição pondo muito sal, se se apresentava em público com a cabeça descoberta, se falava com homens na rua, se falava com os pais do marido e em sua presença com falta de respeito, e se era bagunceira (o qual significava que sua voz se escutava na casa vizinha). Era de esperar que prevalecesse o ponto de vista mais baixo e lasso.

Em Roma, durante os primeiros quinhentos e vinte anos da república não tinha havido nenhum divórcio, mas sob o império o

divórcio era questão de capricho. Como disse Sêneca: "As mulheres se casavam para divorciar-se e se divorciavam para casar-se." Em Roma os anos eram denominados com os nomes dos cônsules, mas dizia-se que as damas elegantes denominavam os anos com o nome de seus maridos. Juvenal cita o exemplo de uma mulher que teve oito maridos em cinco anos. A moralidade tinha morrido.

Na Grécia a imoralidade, sempre tinha estado no auge. Há muito que Demóstenes tinha escrito: "Temos prostitutas para o prazer, concubinas para as necessidades diárias do corpo, esposa para procriar filhos e para o cuidado fiel de nossas casas" Enquanto o homem mantivesse a sua mulher e a sua família, não havia motivo de vergonha nas relações extraconjugais.

Paulo escreve este parágrafo a homens e mulheres que tinham saído de uma sociedade assim. O que nos parece o mais comum na vida cristã era para eles algo surpreendente. O cristianismo fez uma coisa: estabeleceu um código completamente novo com respeito às relações entre homens e mulheres. O cristianismo é o campeão absoluto da pureza e o guardião do lar. Hoje em dia pareceria supérfluo estabelecer coisas desse tipo, entretanto não o é.

Num livro intitulado *What I Believe*, que é simpósio das crenças básicas de um grupo seletivo de homens e mulheres. Kingsley Martin escreve:

"Quando as mulheres se emancipam e começam a ganhar a vida por si mesmas e podem decidir por si mesmas ter ou não ter filhos, seus costumes matrimoniais são inevitavelmente revisados. 'A anticoncepção', — disse-me uma vez um bem conhecido economista — 'é o evento mais importante desde a descoberta do fogo'. Fundamentalmente tinha razão, porque ela altera basicamente as relações dos sexos sobre as quais é edificada a vida familiar. Em nossos dias o resultado é um novo código sexual, a antiga 'moralidade' que tolera no varão a promiscuidade enquanto castiga a infidelidade feminina para sempre ou até — como em algumas culturas puritanas — com a morte cruel, desapareceu. O novo código tende a tornar

aceitável que os homens e as mulheres possam viver juntos como querem, mas exige que se casem se decidem ter filhos."

A nova moralidade é tão somente a antiga imoralidade atualizada. Ainda existe a necessidade urgente, tanto em nossas cidades como em Tessalônica, de colocar perante homens e mulheres as exigências intransigentes da moralidade cristã, "porquanto Deus não nos chamou para a impureza, e sim para a santificação".

NECESSIDADE DO TRABALHO DIÁRIO

1 Tessalonicenses 4:9-12

Esta passagem começa com louvores mas termina com admoestações; e com a admoestação chegamos à situação que está imediatamente por trás da Carta. Paulo insiste aos tessalonicenses a manter-se calmos, a atenderem suas próprias tarefas e continuarem trabalhando com as próprias mãos. A pregação da Segunda Vinda tinha produzido em Tessalônica uma situação irregular e delicada. Como resultado, muitos dos tessalonicenses tinham abandonado seu trabalho diário para rondar em grupos excitados transtornando suas mentes e as de outros enquanto esperavam a chegada da Segunda Vinda. A vida ordinária tinha sido interrompida; o problema de ganhar a vida tinha sido abandonado; esperavam excitados a vinda de Cristo. O conselho de Paulo era eminentemente prático.

(1) Diz-lhes, em realidade, que a melhor maneira em que Jesus Cristo poderia vir a eles era que os encontrasse cumprindo com tranqüilidade, eficiência e diligência sua tarefa diária. Rainy acostumava dizer: "Hoje devo dar uma conferência; amanhã devo tomar parte numa reunião; no domingo devo pregar; algum dia deverei morrer. Pois bem, façamos o melhor que possamos tudo o que devemos fazer." O pensamento de que Cristo virá algum dia, de que a vida tal como a conhecemos terá um fim, não é uma razão para deixar de trabalhar, mas

sim uma razão para trabalhar com maior energia e fidelidade. Não é a expectativa neurótica e inútil, mas sim o trabalho pacífico e proveitoso o que servirá ao homem de passaporte para o Reino.

(2) Diz-lhes que, aconteça o que acontecer, devem recomendar o cristianismo aos que estão fora do mesmo, mediante uma vida diligente e bondosa. Continuar procedendo como o estavam fazendo, permitir que um suposto cristianismo os transformasse em cidadãos inúteis era simplesmente desacreditar o cristianismo. Uma árvore se conhece por seus frutos e uma religião pela classe de homens que produz. A única maneira de mostrar que o cristianismo é a melhor de todas as crenças, é demonstrar que produz os melhores homens. Quando nós os cristãos demonstramos que nosso cristianismo nos faz melhores trabalhadores, amigos mais fiéis, homens e mulheres mais amáveis, então e só então pregamos de verdade. O importante não são as palavras, mas sim as obras; não a oratória, mas sim a vida. O mundo lá fora nunca entra numa igreja para ouvir um sermão mas nos vê diariamente fora da igreja. Nossa vida deve ser o sermão que ganhe os homens para Cristo.

(3) Diz-lhes que devem tender à independência e não viver jamais da caridade. O efeito do proceder dos tessalonicenses era que quem ouviu-os tinha que mantê-los. Há certo paradoxo no cristianismo. É um dever cristão ajudar a outros, porque muitos não têm a culpa de não ter obtido essa independência. Mas também é um dever do cristão ajudar-se a si mesmo. Seu dever é não tirar da comunidade, mas sim contribuir à comunidade. No cristão haverá uma bela caridade que se deleita em dar e uma nobre independência que recusa receber, enquanto possa suprir suas necessidades com suas mãos.

SOBRE OS QUE JÁ DORMEM

1 Tessalonicenses 4:13-18

A idéia da Segunda Vinda tinha provocado outro problema nas pessoas de Tessalônica. Esperavam-na muito em breve: esperavam

ardentemente estar vivos quando acontecesse. Mas também estavam preocupados com aqueles que tinham morrido antes da Segunda Vinda, ainda que tinham sido cristãos. Não podiam estar seguros de que aqueles que já tinham morrido fossem participar da glória do dia que, segundo pensavam, estava às portas. Paulo escreveu esta passagem para responder a este problema. Sua resposta é que haverá uma mesma glória tanto para os que morreram como para os que sobrevivem.

Nesta passagem diz-lhes que não devem entristecer-se como aqueles que não têm esperança. Frente à morte o mundo pagão reagia com desespero. Eles a enfrentavam com uma lúgubre resignação, com uma fria desesperança.

Tosquio escrevia: "Uma vez que o homem morre não há ressurreição." Teócrito: "Há esperança para aqueles que estão vivos, mas os que morreram estão sem esperança." Catulo: "Quando nossa breve luz se extingue há uma noite perpétua em que deveremos dormir." Em suas tumbas de pedra se gravavam lúgubres epitáfios: "Eu não era; cheguei a ser; não sou; não me importa."

Uma das cartas mais patéticas em papiro que chegou até nossas mãos é uma de condolência que reza:

"Irene a Taonofris e Filo; que recebam consolo. Afligi-me e chorei pelo defunto como chorei por Dídimas. E todas as coisas que considerei convenientes já as fiz como também meu Epafrodito, Termution, Filión, Apolônio e Novelo. Mas apesar de tudo, contra isto não se pode fazer nada. Portanto consolem-se mutuamente." Diante da morte, para o pagão não havia nada que fazer.

A resposta de Paulo estabelece um princípio importante. Se um homem tiver vivido e morrido em Cristo ainda que morto encontra-se ainda em Cristo e ressuscitará nEle. Isto significa que entre Jesus Cristo e o homem que o ama há uma relação que não pode ser destruída por nada. É uma relação independente do tempo; uma relação que ultrapassa a morte. Pelo fato de Jesus Cristo ter vivido, morrido e ressuscitado,

também o homem que é um com Cristo viverá, morrerá e ressuscitará. Nada na vida ou na morte poderá separá-lo de Cristo.

A imagem que Paulo traça sobre o dia em que Cristo virá é poética. Tenta com palavras expressar o inexprimível e descrever o indescritível. O quadro é o seguinte. Na Segunda Vinda, Cristo descerá dos céus à Terra. Dará a voz de mando e diante da voz de um arcanjo e da trombeta os mortos despertarão; então, tanto os mortos como os vivos serão arrebatados em carros de nuvens ao encontro de Cristo e depois estarão para sempre com seu Senhor. Não devemos ponderar com um literalismo cru e estrito o que não é mais que a visão de um vidente. O importante não são os detalhes. O importante é que tanto na vida como na morte o cristão está em Cristo, e essa é uma união que nada pode romper.

1 Tessalonicenses 5

[Como um ladrão na noite - 5:1-11](#)

[Conselhos a uma Igreja - 5:12-22](#)

[A graça de Cristo seja convosco - 5:23-28](#)

COMO UM LADRÃO NA NOITE

1 Tessalonicenses 5:1-11

Não poderemos entender plenamente as descrições do Novo Testamento sobre a Segunda Vinda se não lembrarmos que têm um pano de fundo no Antigo Testamento. No Antigo Testamento é muito comum a concepção do Dia do Senhor e todas as figuras e construções que pertencem ao Dia do Senhor foram ligadas à Segunda Vinda. Para o judeu todo o tempo estava dividido em duas eras. A era presente que se considerava absoluta e irremediavelmente má. E a era futura que seria a época de ouro de Deus. Mas entre ambas estava o Dia do Senhor. Este dia ia ser terrível. Seria como as dores de parto de um mundo novo; um dia em que um mundo seria destruído e outro mundo nasceria.

Muitos dos quadros mais terríveis do Antigo Testamento pertencem ao Dia do Senhor (Isaías 22:5; 13:9; Sofonias 1:14-16; Amós 5:18; Jeremias 30:7; Malaquias 4:1; Joel 2:31).

As principais características do Dia do Senhor no Antigo Testamento eram as seguintes.

(1) Viria impressionante e inesperadamente.

(2) Incluiria uma comoção cósmica em que todo o universo seria sacudido em seus próprios fundamentos.

(3) Seria um momento de juízo. Com toda naturalidade os escritores do Novo Testamento identificam intencionalmente e conscientemente o Dia do Senhor com o dia da Segunda Vinda de Jesus Cristo. Faremos bem em lembrar que estas descrições são o que poderíamos denominar estereotipadas. Não têm que ser tomadas ao pé da letra. São sonhos e visões do que ocorreria quando Deus irrompesse no tempo.

Era muito natural que os homens desejassem conhecer ansiosamente quando chegaria esse dia. O próprio Jesus havia dito brusca e claramente que ninguém sabia quando seria esse dia e essa hora, que nem ele mesmo sabia, mas unicamente Deus (Marcos 13:32; cf. Mateus 24:36; Atos 1:7). Mas isto não impedia que se especulasse sobre o mesmo, como o faz ainda hoje, ainda que seja quase blasfemo que os homens pretendam conhecer o que era negado ao próprio Jesus. Contra estas especulações Paulo tem duas coisas a dizer.

Repete que a vinda do dia será repentina. Virá como um ladrão na noite. Mas também insiste em que isto não é razão para que o homem seja tomado desprevenido e sem preparação. Só o homem que vive nas trevas e cujas obras são más será pego sem preparação. O cristão vive na luz, e não importa quando venha o dia, se vigiar e levar uma vida sóbria, aquele dia o encontrará preparado. Acordado ou dormindo, o cristão vive com Cristo e portanto está sempre preparado.

Ninguém sabe quando ouvirá o chamado de Deus e há certas coisas que não se podem deixar para o último momento. É muito tarde para preparar-se para um exame quando chega o momento de fazê-lo. É muito

tarde para assegurar uma casa quando estalou a tormenta. Há coisas que devem fazer-se a tempo.

Quando a rainha Maria de Orange morria seu capelão quis prepará-la com uma leitura. Ela repôs: "Não deixei este assunto para esta hora."

Um velho escocês a quem alguém oferecia palavras de consolo porque tinha chegado sua hora, replicou: "Já cobri minha casa quando o tempo estava bom!" Se o chamado vier de repente, nem por isso tem que nos encontrar necessariamente sem preparação. O homem que viveu toda sua vida com Cristo nunca se encontra sem preparação para chegar mais perto de a sua presença. O homem que vive na luz e de dia, não pode ser achado despreparado.

CONSELHOS A UMA IGREJA

1 Tessalonicenses 5:12-22

Paulo chega enfim alinhavando uma cadeia de pedras preciosas: são seus conselhos. Expõe-nos da maneira mais breve, mas cada um deles é de tal valor que todo cristão e toda Igreja têm que ponderá-los cuidadosamente.

Respeitem a seus chefes — diz Paulo. E a razão deste respeito é a obra que eles realizam. Não é questão de prestígio pessoal, é o trabalho o que torna grande ao homem; sua insígnia de honra é o serviço que realiza.

Vivam em paz — diz Paulo. É impossível pregar o evangelho do amor numa atmosfera envenenada pelo ódio. É muito melhor que se abandone uma congregação em que se é infeliz e torna infelizes a outros e busque outra em que se pode estar em paz.

O versículo 14 refere-se aos que necessitam um cuidado e atenção particulares.

A palavra traduzida *ociosos* descrevia originariamente a um soldado que tinha deixado as fileiras; alude aos que não cumprem com o que deveriam cumprir.

Os de *pouco ânimo* são literalmente os de "coração pequeno". Em toda comunidade se encontram irmãos pusilânimes que instintivamente temem o pior. Mas em toda comunidade devem encontrar-se cristãos de coragem que saibam ajudar a outros. "Sustentem os fracos", é um precioso conselho. Em vez de deixar os irmãos fracos ir à deriva para finalmente desaparecer, a comunidade cristã deveria tentar deliberadamente mantê-los na Igreja de tal maneira que não possam escapar. Deveria criar laços de companheirismo e persuasão para poder manter a um homem que é temperamentalmente fraco e propenso a desviar-se. Ser paciente com todos é quase o mais difícil, porque a última lição que a maior parte de nós aprendemos é suportar os néscios com alegria.

Não se vinguem — diz Paulo. Mesmo quando alguém busque nosso mal devemos conquistá-lo buscando seu bem.

Os versículos 16-18 nos dão três rasgos característicos de uma Igreja autêntica.

(1) É uma *Igreja feliz*. Há nela essa atmosfera de alegria que faz com que seus membros se sintam inundados de tal. O verdadeiro cristianismo anima, não deprime.

(2) É uma *Igreja que ora*. Talvez as orações de nossa Igreja fossem mais efetivas se lembrássemos que "oram melhor juntos os que tambémoram sozinhos".

(3) É uma *Igreja agradecida*. Sempre há algo pelo que devemos dar graças. Até no dia mais tenebroso se recebem bênçãos. Devemos lembrar sempre que se dermos a cara ao Sol as sombras cairão atrás de nós, mas se lhe damos as costas todas as sombras cairão diante.

Nos versículos 19 e 20 Paulo admoesta aos Tessalonicenses a que não desprezem os dons espirituais. Os profetas equivaliam realmente a nossos pregadores modernos. Eles eram os que ofereciam a mensagem de Deus à congregação. Em realidade Paulo diz: "Se alguém tiver algo que dizer, não o impeçam de dizer."

Os versículos 21 e 22 descrevem o dever constante do cristão de fazer de Cristo a pedra de toque para pôr à prova todas as coisas; e mesmo quando seja difícil, deve continuar agindo corretamente e manter-se sempre afastado de toda sorte de mal.

Quando uma Igreja observa os conselhos de Paulo, brilhará certamente como uma luz num lugar escuro; terá alegria dentro de si mesmo, e terá o poder de ganhar a outros.

A GRAÇA DE CRISTO SEJA CONVOSCO

1 Tessalonicenses 5:23-28

Assim, Paulo no fim da Carta encomenda a seus amigos a Deus em corpo, alma e espírito.

Mas aqui há uma bela frase. “Irmãos”, — diz Paulo — “orai por nós.” Certamente é admirável que o maior de todos os santos se sentisse fortalecido pela oração dos mais humildes cristãos.

Em certa ocasião os amigos de um grande estadista que tinha sido escolhido para o cargo mais alto que o país podia brindar-lhe, foram felicitá-lo. Ele lhes respondeu: "Não me felicitem, mas sim orem por mim."

Para Paulo a oração era uma cadeia de ouro: ele orava por outros e os outros oravam por ele.